



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil

Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas

Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM

ISSN: 2238-6424

QUALIS/CAPES – LATINDEX

Nº. 06 – Ano III – 10/2014

<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **Os impactos da vida na cidade e do campo na saúde mental: relatos de docentes que atuam em comunidades ribeirinhas no estado do Amapá**

Profª. MSc. Selma Gomes da Silva  
Mestre em Psicologia da Educação

Aluna do doutorado Interinstitucional – DINTER em Sociologia da Universidade Federal do Ceará em parceria com a Universidade Federal do Amapá - UNIFAP  
Professora de Psicologia da Educação vinculada ao Colegiado de Pedagogia/UNIFAP

<http://lattes.cnpq.br/1380611093265384>

E-mail: [selma@unifap.br](mailto:selma@unifap.br)

Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva  
Doutor em Sociologia

Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará - UFC - Brasil

Pós-Doutorado (em andamento) na Université de Strasbourg - França.

<http://lattes.cnpq.br/2635234979088002>

E-mail: [cristianpaiva@ufc.br](mailto:cristianpaiva@ufc.br)

**Resumo:** O presente artigo discute a influência da vida na cidade no possível desencadeamento de transtornos mentais em relação da vida na zona rural. Para isso, parte-se das seguintes indagações: a vida urbana favorece o desenvolvimento de doenças psíquicas? O que pensam os docentes que moram na cidade e trabalham em zonas rurais? Para responder estes questionamentos optou-se pela abordagem essencialmente qualitativa com a utilização do uso de narrativas. Os sujeitos da pesquisa para construção deste trabalho foram docentes da rede estadual que desenvolvem suas práticas na zona rural, especificamente, em localidades ribeirinhas, no Sistema Modular de Ensino (SOME). Com base nos

relatos obtidos através de entrevistas e escuta de experiências de docência e de vivências de sofrimento mental de alguns professores, verificou-se que as pessoas podem adoecer tanto nas cidades como em zonas rurais.

**Palavras-chave:** Cidade. Zona rural. Saúde/Doença mental.

## INTRODUÇÃO

Viver na cidade, para algumas pessoas, pode ser concebido como representações de sucesso, de conquista, de liberdade e de autonomia, porém, poderá também ser percebida como sinônimo de stress, do tempo cronometrado, do medo, da distância afetiva e da violência. A vida no campo, da mesma maneira, para muitos poderá ter conotações de descanso, sossego, paz, tranquilidade, estreitamento de laços sociais, solidariedade, saúde, qualidade de vida, dentre outros. Da mesma forma, para alguns, poderá ser vista como uma vida “sem graça”, monótona, lugar de poucas oportunidades de crescimento pessoal, econômico e cultural. Com base nessas breves notas introdutórias suscita-se as seguintes questões: a vida urbana favorece o desenvolvimento de doenças psíquicas? Quem é mais vulnerável ao adoecimento mental, as pessoas que habitam cidade ou as que vivem no campo? Quais os fatores associados? O que pensam alguns professores e professoras, do Sistema de Ensino Modular do Estado do Amapá (SOME)<sup>1</sup>, sobre essa temática?

A partir dessas indagações, o presente trabalho tem como objetivo discutir a partir de relatos de alguns docentes que habitam na capital do Estado, mas exercem suas funções em localidades rurais, como a vida na cidade e/ou do campo pode favorecer processos de sofrimentos/adoecimentos mentais.

A pesquisa é essencialmente qualitativa. Optou-se, portanto, pela técnica de coleta de dados, as narrativas de docentes sobre suas experiências em comunidades rurais, em escolas pertencentes ao município de Macapá, mas

---

<sup>1</sup> O Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) foi implantado no Estado do Amapá em caráter experimental, em 1986 e em 2005 foi reestruturado, permanecendo até o momento atual para atender às necessidades educacionais e garantir o ensino sistemático à zona rural (localidades de fácil e difícil acesso) do Estado. Respalda na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a saber Lei 9394/95, Art. 81, como forma de garantir o acesso ao conhecimento nas diversas localidades do Estado, onde não era possível estruturar o ensino regular, devido as dificuldades contextuais.

localizadas, especificamente em áreas ribeirinhas. Para isso a coleta de dados deu-se através de entrevistas e de escuta de relatos e de depoimentos sobre suas experiências, condições de trabalho, sentimentos e vivências. Foi concedido ao entrevistado total liberdade para falar sobre suas vivências nessas comunidades de acordo com a percepção e vivências deles, como a vida na cidade e/ou no campo contribui para o aparecimento de transtornos psicológicos.

Para compreender essas esses relatos buscou-se na literatura autores que abordam e analisam os impactos da vida na cidade e suas relações com formas de adoecimento psíquico de seus habitantes, procurou-se também verificar o que pensam esses teóricos sobre as características da vida em áreas rurais. Dos teóricos pesquisados parece ser visível a tendência em afirmar que as pessoas adoecem mais “da mente” na cidade do que no campo, considerando o estilo de vida característico das grandes cidades, reconhecido como estressante, dinâmico, controlado pelo relógio, racional, constantes ruídos, desprovido de relações afetivas mais próximas, entre outros aspectos (SIMMEL, 2001).

Nesse sentido, Durante (2014), relata em uma recente pesquisa, do Instituto de Pesquisa e Orientação da Mente do Instituto (IPOM)<sup>2</sup> realizada com aproximadamente duas mil pessoas, entre 20 a 50 anos, em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Brasília e Fortaleza, mostrou que sete em cada dez pessoas que moram em cidades com mais de dois milhões de habitantes, reconhecem que sentem, com frequência, sintomas que indicam algum tipo de transtorno psíquico. Desse percentual, 95% afirmam se sentir muito estressados, 87% ansiosos em excesso, 72% declaram ter insônia e outros problemas ligados ao sono, 68% depressão, 49% já tiveram ataques de pânico e 37% reconhecem que tem agorafobia<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> O Instituto de Pesquisa e Orientação da Mente (IPOM) é uma instituição destinada às pesquisas e estudos sobre o desenvolvimento da mente e de distúrbios nessa área.

<sup>3</sup> Transtorno psicológico cuja característica essencial é uma ansiedade acerca de estar em locais ou situações das quais escapar poderia ser difícil (ou embaraçoso) ou nas quais o auxílio pode não estar disponível na eventualidade de ter um *ataque de pânico* ou sintomas tipo pânico (por ex., medo de ter um ataque súbito de tontura ou um ataque súbito de diarreia) (Critério A). A ansiedade tipicamente leva à esquiva global de uma variedade de situações, que podem incluir: estar sozinho fora de casa ou estar sozinho em casa; estar em meio a uma multidão; viajar de automóvel, ônibus ou avião, ou estar em uma ponte ou elevador. Alguns indivíduos são capazes de se expor às situações temidas, mas enfrentam essas experiências com considerável temor. Frequentemente, um indivíduo é mais capaz de enfrentar uma situação temida quando acompanhado por alguém de confiança (Critério B). A esquiva de situações pode prejudicar a capacidade do indivíduo de ir ao trabalho ou realizar

O estudo também revelou os principais agentes associados, pelos entrevistados a esses distúrbios mentais nos habitantes das grandes cidades: dos sujeitos entrevistados 65% das pessoas atribuíram a superlotação e atrasos dos transportes públicos, 57% ao trânsito caótico, 48% ao excesso de tarefas desempenhadas durante o dia, 33% a longas jornadas de trabalho e 24% a pressão de prazos, horários e compromissos.

Para compreender a vida e as próprias caracterizações de cidade buscou-se, primeiramente, a concepção de Alves (2011, p.109), quando afirma:

A metrópole pode ser caracterizada como um espaço de concentração populacional, de riquezas, de tecnologia, de inovação, de difusão da modernidade e de possibilidades, pela existência concentrada de atividades e de serviços, é também marcada pelo aumento da pobreza, da violência, das formas precárias de habitação e, atualmente, no caso brasileiro, pela ampliação do número de trabalhadores informais que ocupam os espaços públicos para a reprodução da vida.

Sposito (2011, p.133) diverge desse pensamento e considera que a cidade e as redes urbanas seriam vistas de outro ponto de vista, porque a diferença possibilita o diálogo e a contradição como motor de transformações, enquanto a desigualdade, quando acentuada, pode ampliar o conflito, a indiferença, a segregação e a fragmentação.

Nunes (2014), no texto “A interface entre o urbano e o rural na Amazônia brasileira”, citando os clássicos Marx, Weber e Durkheim, destaca a contribuição desses autores sobre as relações do homem com o urbano e o rural, porém, segundo a opinião dele quem melhor discutiu o indivíduo e sua relação com o urbano foi Georg Simmel. Nunes retém que Simmel avançou analisando principalmente, os efeitos da metrópole na estrutura mental dos habitantes.

Nunes (2014) também menciona vários outros estudiosos como: Sigmund Freud, Norbert Elias, Michel Foucault, Henry Lefebvre e até mesmo, alguns mais contemporâneos, como por exemplo Pierre Bourdieu. Para o autor esses teóricos consideram a relação indivíduo e sociedade como geradora de conflitos individuais e de desajustes sociais, decorrentes de estímulos nervosos aos quais as pessoas

---

atividades cotidianas (por ex., fazer compras do dia-a-dia, levar os filhos ao médico). A ansiedade ou esQUIVA FÓBICA não é melhor explicada por um outro transtorno mental (Critério C) (DSM-IV, 2002).

ficam submetidas em função sobretudo, da vida numa grande cidade. De acordo com a exposição de Nunes, a cidade possui as seguintes caracterizações:

A análise teórica da relação campo/cidade, encara uma relação de oposição e vê a cidade como o lugar da modernidade. Segundo o autor, a cidade seria o lugar onde a racionalização do mundo encontraria condições para se consolidar como *ethos*, em oposição ao mundo rural calcado em relações primárias, de cunho familiar ou de pequenos grupos. Entre uma situação onde predominaria o anonimato (a cidade) contrapor-se-ia uma outra onde predominam as relações face-a-face” (NUNES, 2014, p. 2).

Nunes parece apoiar-se em Simmel ([1903]2001), haja vista, que é nesta perspectiva que se destacam as análises deste autor sobre a caracterização do viver na cidade.

Para Simmel (2001), a vida em sociedades urbanizadas é capaz de gerar certos efeitos psicológicos nos indivíduos que dividem os espaços das cidades. A maioria dessas consequências é negativa para a saúde mental dos indivíduos, e para defender-se, os habitantes metropolitanos são levados a adotar uma série de comportamentos. Sendo assim, Simmel afirma que há uma intensificação de estímulos (externos e internos) sobre a estrutura cognitiva das pessoas, exigindo delas a elaboração de uma “individualidade metropolitana”, gerando assim uma necessidade de adaptação psicológica do indivíduo à vida na metrópole, e, em razão de rápidas e continuadas variações de estímulos, de hábitos, circunstâncias e mudanças rápidas que produzem uma intensificação dos processos cognitivos e da vida emocional, dos sujeitos.

Nesse sentido, para Simmel (2001, p. 12): “A metrópole altera os fundamentos sensoriais da vida psíquica”. O homem metropolitano está exposto a uma quantidade maior de estímulos do que o homem do campo, para o autor a diferença da cidade grande com o campo consiste no antagonismo entre o mais rápido e o mais lento, entre o habitual e o novo, devido a mudanças constantes de imagens, sons, entre outros. Desta forma, “poderia haver uma espécie de “overdose” de estímulos nervosos, isto provocaria uma desestabilização emocional” (LIMA, 2012, p. 151).

Dentro deste contexto, o autor cita como consequência o processo de intelectualização, o distanciamento das relações afetivas, a reserva e a atitude

*blasé*<sup>4</sup>, como estratégias de proteção psicológica, para que os sujeitos consigam continuar vivendo na metrópole, o autor enfatiza a atitude *blasé* como decorrência do espírito moderno vivido nas grandes cidades:

O espírito moderno tornou-se crescentemente um espírito calculista. O rigor do cálculo da vida corrente, resultante da economia monetária, correspondente ao ideal das ciências naturais, nomeadamente à ideia de transportar o mundo numa questão aritmética e de fixar cada uma das suas componentes numa fórmula matemática (SIMMEL, 2001, p. 33).

Dessa forma, Simmel (2001, p. 32) considera que a metrópole promove configurações situacionais que exibem o indivíduo a um estilo mental mais racional, mais calculista e ao mesmo tempo, submete o indivíduo às condições psicológicas, diferentemente da vida em pequenas localidades rurais, onde o estilo de vida caracteriza-se pelo “fluir sensorial e mental mais lento, mais familiar, mais tranquilo”, onde as emoções de afetividade são mais presentes nas relações intersubjetivas.

Frente aos “variados e contrastantes estímulos”, que o psiquismo humano é exposto, no contexto das grandes cidades e para adaptar-se às alterações e as contradições dos acontecimentos provocados pela vida na metrópole, o indivíduo desenvolve uma estratégia de proteção e de escape frente às variadas perturbações e intensificação sensorial e psíquica, o homem metropolitano, assim, promove uma capacidade protetora contra essa profunda perturbação psíquica para lidar com a fluidez e descontinuidade do ambiente externo, próprio das grandes metrópoles. Esta maneira racional de enfrentamento da vida na cidade com o tempo torna-o “indiferente a todos os aspectos pessoais” (SIMMEL, 2001, p. 32).

Wirth (2001) expõe seu pensamento sobre o desenvolvimento das cidades, numa linha semelhante a de Simmel. Ele defende que a cidade é produto do crescimento e não da criação instantânea, por isso é de esperar as suas influências sobre os modos de vida de seus habitantes. Wirth (2001, p. 45) diz que:

A influência que a cidade exerce sobre a vida social do homem é superior ao que a parcela urbana da população julga, pois a cidade não é apenas,

---

<sup>4</sup> Fenômeno psíquico definido por Georg Simmel (2001, p. 35) como consequência dos estímulos nervosos que em acelerada mudança, emergem com todos os seus contrastes e dos quais a intensificação da racionalidade metropolitana parece resultar; estimulação máxima do sistema emocional até ao ponto de deixar de ter qualquer reação, forçando assim o sistema nervoso dar respostas aos diversos e incongruentes estímulos ao ponto de esgotar as suas energias, tornando-se incapaz de reagir a novos estímulos.

cada vez mais o lugar de habitação e de trabalho do homem moderno, mas também, o centro que põe em marcha e controla a vida econômica, política e cultural, (...), configurando um universo articulado de uma enorme variedade de áreas, povos e atividades.

Wirth destaca que o crescimento das cidades e a urbanização do mundo são dos fenômenos mais impressionantes dos tempos modernos e que por isso tem seus atrativos. Nesse sentido, Wirth (2001, p. 47) considera que a cidade, principalmente:

A grande metrópole, pode considerar-se resultante da sua elevada concentração de em instalações e atividades industriais, comerciais, financeiras e administrativas, vias de transporte e linha de comunicação, equipamento cultural e recreativo, como a imprensa, estações de rádio, teatros, bibliotecas, museus, salas de espetáculos, óperas, hospitais, instituições de ensino superior, centros de investigação, editoras, organizações profissionais, instituições religiosas e de assistência social.

Wirth observa que não são apenas os recursos e equipamentos econômicos, sociais e culturais, próprios da cidade, que tornam as tornam atrativas, mas também o modo de vida tido como urbano, principalmente, por aqueles que vivem em zonas rurais.

O que atraem as pessoas às cidades? Caracterizando a cidade do ponto de vista social, o Wirth (2001, p. 52) considera que os habitantes da cidade conhecem uns aos outros em papéis altamente segmentados e que “as relações intersubjetivas se realizam mais pelos contatos impessoais, superficiais, transitórios e reservados diferente das relações no campo, que podem ser de tipo primário, de solidariedade e afetividade”. Por outro lado, o referido autor retém que na cidade:

O indivíduo ganha um certo grau de autonomia e de liberdade relativamente ao controle pessoal e emocional exercido por grupos próximos, por outro lado perde a expressão espontânea da sua a personalidade, a postura moral e a sensação de participação, inerentes à vida em sociedade. Isso constitui essencialmente o estado de anomia, ou de vazio social a que Durkheim alude ao tentar explicar as várias formas de desorganização social da sociedade industrial (WIRTH. 2001, p. 53).

Dessa forma, Wirth chama à atenção para o fato de os indivíduos viverem e trabalharem em contato estreito, sem que existem laços sentimentais e emocionais entre si, promove o espírito de competição, sobranceira e exploração mútua. Para contraria a irresponsabilidade e a desordem potencial tende-se a recorrer a

mecanismos de controle. Como ele próprio exemplifica: “os relógios e os sinais de trânsito simbolizam a ordem social no mundo urbano” (WIRTH, 2001, p. 55).

Seguindo essa linha de raciocínio Wirth, em sua abordagem, enfatiza o distanciamento social entre os indivíduos acentuando o caráter reservado dos indivíduos a diminuição das relações pessoais gerando um espaço para a instalação da solidão, além do mais para o autor: “A frequente e inevitável movimentação de um grande número de indivíduos num habitat congestionado dá origem ao conflito e à irritação”. Conseqüentemente, “O ritmo acelerado e a complicada tecnologia sob os quais se desenrola a vida em áreas de grande densidade fazem acentuar as tensões nervosas resultantes daquelas frustrações pessoais” (WIRTH, 2001, p. 55-6).

Assim, para Wirth (2001, p, 55 e 60): “o mundo urbano valoriza o reconhecimento visual”. Nesse contexto, segundo o olhar do autor funções como a “preservação da saúde, as formas de mitigar o sofrimento associado à insegurança pessoal e social, as providências referentes à melhoria da educação, da recreação e da cultura, deram origem a instituições”.

Na opinião do referido autor é na cidade, mais do que no campo, que os desarranjos pessoais, a desordem mental, o suicídio, a delinquência, o crime, a corrupção e a insegurança podem grassar. Todavia, ele ressalta a necessidade de realizar pesquisas para tais confirmações, embora ele retenha que seja possível analisar tal realidade com base apenas nas manifestações de tais fenômenos. (WIRTH, 2001, p.62).

Sousa (2008, p. 21-2) chama atenção para as transformações econômicas que vem se arrastando desde os anos 70, mais especificamente para a questão do individualismo como “ingrediente cultural-simbólico fundamental do modelo social capitalista”, que tem como características próprias: a globalização, a transição do modo de regulação e do regime de acumulação “fordistas” para o ‘pós-fordismo” e sua acumulação flexível; a precarização do mundo do trabalho, investida neoliberal, e a desregulamentação. Ele alega que essa “desordem despolitizada” e a problemática do medo e da insegurança, são geradoras de processos patológicos, próprios de uma “fobópole” caracterizada como:



Uma cidade em que grande parte de seus habitantes, presumivelmente, padece de estresse crônico (entre outras síndromes fóbico-ansiosas, inclusive transtorno de estresse pós-traumático) por causa da violência, do medo da violência e da sensação de insegurança. (SOUSA, 2008, p. 40).

Bauman (2011) parece concordar com a ideia de Sousa (2008) quando apresenta e analisa o conceito de “mixofobia”, em sua obra: “A ética impossível no mundo dos consumidores”. A respeito desse raciocínio, ele declara:

A mixofobia é uma reação previsível e difundida à variedade esmagadora, arrepiante e estressante de tipos humanos e estilos de vida que se encontram e se acotovelam pelos espaços das ruas das grandes cidades contemporâneas – não apenas nos oficialmente proclamados bairros barrapitada ou nas “ruas perigosas”, mas também nas áreas de convivência normais (leia-se desprotegidas de “espaços de interdição”). Como estabelecem a multivelocidade e a diversidade cultural de ambientes urbanos na era da globalização – condição passível de se intensificar ao longo do tempo -, é provável que as tensões surgidas da vexatória, confusa e irritante falta de familiaridade do cenário deem vazão a ímpetos segregacionistas (BAUMAN, 2011, p. 73)

Sob essa perspectiva, Bauman focaliza para os fatores que precipitam a mixofobia, dentre os quais são citados:

O sentimento de “nós” que expressa um desejo de ser semelhante é um caminho para os homens e as mulheres evitarem a necessidade de olhar mais profundamente para o interior do outro. (...) Esse sentimento promete certo conforto espiritual: a perspectiva de tornar a integração mais fácil de sustentar cortando o esforço de entendimento, negociação e comprometimento exigidos pelo viver em meio a e com a diferença” (BAUMAN, 2011, p. 74).

Duarte (2003, p.174) remete-se a Durkheim (1970) para mencionar que este autor já destacava o individualismo como categoria onipresente na caracterização da modernidade e que essa carregava uma ambiguidade instauradora e fundamental, como percebe-se na palavras de Duarte (2003, p. 174):

Designava uma categoria de acusação a tudo que parecia corroer a antiga solidariedade social, um “egoísmo” coletivo moderno, ao mesmo tempo em que abarcava os melhores valores associados à cidadania republicana, como as preeminentes liberdade e igualdade.

Concorda-se com o pensamento de Durkheim destacado por Duarte, quando se reporta ao individualismo como característica própria da modernidade, talvez sendo nos dias atuais um dos fatores significativo para o adoecimento mental, haja vista que o individualismo conduz o ser humano a experiência de solidão existencial.

## 1.CONTEXTUALIZAÇÃO

### 1.1.Macapá: a capital no meio do mundo.

Macapá, a capital no meio do mundo, é marcada pela linha do Equador, constituída à margem do majestoso Rio Amazonas, abriga a imponente Fortaleza de São José, monumento histórico, considerado uma das sétimas maravilhas do Brasil, construída durante a segunda metade do século XVIII e concluída, mais precisamente, em 1782 com fins de segurança das fronteiras, das terras e riquezas brasileiras, contra os povos que tinham os “olhos vidrados” nas riquezas das terras brasileiras e mais especificamente nos bens naturais das terras *tucujus*.

Macapá é a capital do Estado do Amapá, e primeiro município a ser criado<sup>5</sup>. O vocábulo Macapá é de origem tupi e uma variação de *macapaba*, que na língua indígena quer dizer estância das *macabas* ou lugar de abundância da bacaba<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Originou-se de um destacamento militar fixado no mesmo local das ruínas da antiga Fortaleza de Santo Antônio, a partir de 1740. Este destacamento surgiu em razão de constantes pedidos feitos pelo governo da Província do Grão Pará e Maranhão (a quem as terras do Amapá estavam juridicamente anexadas), João de Abreu Castelo Branco, que desde 1738, sentindo o estado de abandono em que se encontrava a Fortaleza, solicitava à Coroa portuguesa providências urgentes. Em 1740 veio a resposta do rei português D. João, que não só autorizou o governador do Pará a construir um fortim no mesmo local das ruínas da fortaleza de Santo Antônio, como também enviou um projeto de construção de um pequeno forte idealizado pelo sargento-mor Manuel de Azevedo Fortes e pelo engenheiro-mor do reino, Miguel Luís Alves. Deste forte originou-se Macapá. Depois que D. José I assumiu o trono português, o Marquês de Pombal assumiu o ministério real e nomeou, em seguida, seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado para o comando das Armas da Província do Pará, assim como para a presidência da própria província, gozando de plenos poderes para promover a fundação e colonização de vilas na Amazônia Setentrional. É nesta época que Macapá assiste à chegada dos colonos dos Açores. Em 2 (dois) de fevereiro de 1758, Mendonça Furtado instala os poderes Legislativo e Judiciário da vila, e em 4 (quatro) de fevereiro, dois dias depois, eleva o povoado à categoria de vila. A emancipação de Macapá despertou a cobiça de holandeses, ingleses e franceses que ameaçavam a todo custo invadir a vila. Após intensa campanha Mendonça Furtado vem a falecer, não realizando o sonho de ver Macapá fortificada condignamente. A grande Fortaleza só foi inaugurada em 19 de março de 1782, 18 anos depois de iniciados os trabalhos. Erguida a imponente Fortaleza, a vila começou a desenvolver-se, sempre gozando das vantagens inerentes à sua qualidade de centro militar, até os dias que precederam à proclamação da Independência do Brasil. Macapá cresceu à sombra desta Fortaleza, testemunho do esforço luso-

A cidade de Macapá na década de 1990 vivenciou um crescimento populacional espantoso, pessoas de outros estados brasileiros como: maranhenses, paraenses, piauienses e cearenses começaram a vir para Macapá, atraídos pela Área de Livre e Comércio<sup>7</sup>. Este processo não pode ser analisado de forma deslocada do contexto mundial, em relação ao comércio de produtos importados. De acordo com depoimentos de pessoas da região, “chegavam barcos lotados de pessoas” oriundas de outros estados brasileiros, em busca de melhores condições de vida, nas terras *tucujus*.

Para entender a cidade de Macapá à época, sua precariedade quanto aos serviços de saneamento e estruturais, precisa-se compreender que as estruturas físicas não estavam adequadas para este “bum” do crescimento populacional. A população explodiu como também diversos problemas estruturais e que até o momento atual ainda não foram resolvidos pela administração pública, para atender as demandas do crescimento populacional.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), a população estimada em 2013, em Macapá, é de 437.256 habitantes. A área da unidade territorial é de 6.408,545 km<sup>2</sup>, tendo-se uma densidade demográfica de 62,14 hab/km<sup>2</sup>. No momento atual, a cidade de Macapá, que tem como gestor municipal, o prefeito Clécio Luís Vilhena Vieira, encontra-se vivenciando muitos

---

brasileiro na conquista, colonização e manutenção da Amazônia e representa a mais vigorosa afirmação do domínio português no Território do Amapá. Elevada à categoria de vila com a denominação de São José de Macapá, em 1758. Sede na antiga povoação de São José de Macapá. Instalada em 04 de fevereiro de 1758 e reconhecida como cidade com a denominação de Macapá, pela Lei n.º 281, de 06 de setembro de 1856. Em divisão administrativa referente ente ao ano de 1911, o município é constituído do distrito sede. (BRASIL, 2014).

<sup>6</sup> Bacaba é um fruto gorduroso originário da bacabeira, palmeira nativa da região de onde se extrai um vinho de cor acinzentada, muito saboroso. A bacabeira tem o tronco solteiro, liso, que cresce até 20 metros de altura e é marcado por anéis correspondentes às cicatrizes. Suas folhas são pinadas, crespadas e medem de 4 a 6 metros de comprimento. Possui também uma bainha verde-escura, que mede cerca de um metro de altura, formando a região colunar no ápice da estípite. Seus ramos são foliados (cerca de cem), de ambos os lados da folha, mais ou menos pendular, medindo de 30 a 100 cm de comprimento. Possui flores unissexuadas, geralmente uma feminina para duas masculinas, inseridas em toda a extensão do ramo do apódice. Apresenta cachos robustos (cerca de 1,5 metros de comprimento) com frutos arredondados de 1,5 cm de diâmetro; casca de cor roxo-escura (quase preta) e fruto de aspecto oleoso. Tem como habitat ideal a mata virgem alta de terra firme e também de várzea.

<sup>7</sup> A Área de Livre Comércio foi criada para promover o desenvolvimento das cidades de fronteiras internacionais localizadas na Amazônia Ocidental e em Macapá e Santana, com o intuito de integrá-las ao restante do país, oferecendo benefícios fiscais semelhantes aos da Zona Franca de Manaus, com incentivos do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), proporcionando melhoria na fiscalização de entrada e saída de mercadorias, fortalecimento do setor comercial, abertura de novas empresas e geração de empregos.

problemas estruturais, diante dos quais, o gestor e sua equipe não conseguem apresentar soluções eficazes para a diversidade de necessidades da cidade, como: saúde, educação, segurança pública, saneamento básico, dentre outros. Entre os problemas, de grande visibilidade, da cidade de Macapá podemos destacar a situação das avenidas e ruas, que se encontram “repletas” de buracos. Macapá possui 800 km de vias. Desses, 400 km nunca receberam nenhum tipo de pavimento. Dos outros 400 km restantes, 300 km estão totalmente danificados, alguns com pavimentação de mais de 30 (trinta) anos, de acordo com a avaliação da Confederação Nacional de Municípios (2014).

A cidade de Macapá pode ser caracterizada, segundo a percepção de Tostes (2014, p.2) como:

Uma cidade em constante mudança, transformações motivadas muito mais pela pressão social e política, do que propriamente por regras básicas de planejamento urbano, até neste quesito, verifica-se nesta cidade como existe a influência nas demais cidades do Amapá, isso é fruto da predominância do setor público intenso e que caracterizou fortemente o comércio. Diferentemente do começo do Território Federal nas primeiras décadas, onde a instalação da ICOMI motivou e estimulou o comércio local, nos dias atuais a economia do setor público cresceu e determinou o funcionamento do comércio e outras atividades de serviços. Macapá padeceu também de diversos governos que deixaram de cumprir um papel importante, de investir em projetos estruturais e estruturantes: água, energia, pavimentação e transporte digno.

Para este autor, o slogan era cuidar apenas de problemas cotidianos, até nesse ponto as demais cidades amapaenses passaram a copiar o modelo da capital, investir em questões cotidianas, e sem regras de planejamento.

Após essa breve caracterização do município de Macapá abordar-se-á os relatos de profissionais docentes que trabalham em comunidades ribeirinhas localizadas nos arredores de Macapá, suas vivências docentes, dificuldades e narrativas de adoecimento relacionadas às condições estruturais nessas comunidades.

## **1.2.Relatos de adoecimento de docentes que habitam em Macapá e trabalham em localidades ribeirinhas.**

As narrativas que serão apresentadas e discutidas referem-se aos depoimentos de docentes que atuam no SOME, mais especificamente em áreas ribeirinhas, nas

proximidades de Macapá. Os recortes apresentados dizem respeito a processos de sofrimento/adoecimento psíquico vivenciados por esses professores, retirados das entrevistas realizadas, como parte da pesquisa em andamento. Serão apresentados relatos de 3 (três) docentes<sup>8</sup>:

Relato 01: Professor Jerônimo - Natural de uma comunidade quilombola (Lagoa dos índios), próximo a Macapá, 42 anos, separado, pai duas filhas adolescentes, professor estatutário do Estado do Amapá, graduado em pedagogia, em direito e está concluindo o curso de História (licenciatura e bacharelado) na Universidade Federal da Amapá (UNIFAP). Possui curso de especialização lato sensu em história da África. Ingressou no SOME em 2004, na ocasião exercia a função de diretor em uma escola particular e por motivos pessoais pediu demissão. Essa decisão gerou um impacto financeiro em seu orçamento familiar, foi quando surgiu a oportunidade de trabalhar no SOME, a convite de um amigo, como forma de suprir as dificuldades financeiras, onde exerce suas funções de professor há dez (10) anos. Na entrevista, Jerônimo declarou-se dependente do álcool e relata sua experiência com a realidade rural, longe da cidade, como motivo para iniciação do consumo de álcool:

A minha primeira experiência foi assim: parece assim, que eles faziam de propósito, os novatos pegavam logo os piores locais. Eu peguei Filadélfia do Bailique<sup>9</sup>, 24 horas de viagem de barco, quatro casas, uma igreja... Assim, era a comunidade, a última do Bailique, porque lá até a água é salgada. Aí vem logo a “porrada” né? Eu não bebia, hoje eu estou com um copo de bebida na mão lhe atendendo. Eu não bebia. Aí vem logo aquela falta da família. Eu era casado, mulher linda, minha filha... Aí vem logo, como é que tu vai suprir isso? E a gente não percebe, a gente está tão embebida, emprenhado pela ideia do dinheiro né? Que vai, mas aí vem os problemas logo, olha só, vinte e quatro horas de viagem sem um único telefone, para se comunicar pra lá Macapá tinha que pegar um barco, duas horas de viagem (risos irônicos) pra chegar numa comunidade que tinha o telefone, aí chegava lá o telefone não funcionava, aí tudo isso vem! Isolamento total, e como eu disse agora a pouco, o soldado, quando ele vai à operação boina, o Bope, o Exército, eles são preparados pra isso, nós não somos. [Nós professores] de cara, a Secretaria já joga, hoje é sorteio, eu vou pra um interior por sorteio, na época, parece que ele “ah esse é novato, toma o pior lugar”. Nós temos dentro do modular, nós temos o Filadélfia do

---

<sup>8</sup> Os nomes são fictícios para assegurar as diretrizes e normas regulamentadoras em pesquisas com seres humanos, de acordo com a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde/MS.

<sup>9</sup> O Arquipélago do Bailique é um conjunto de ilhas que fazem parte do município de Macapá. A sua população é de aproximadamente 6 mil habitantes. O Arquipélago é composto por oito ilhas, apenas duas não são habitadas, a ilha do Meio e Parazinho, sendo que nesta última localiza-se a reserva biológica do Parazinho. Filadélfia é uma das comunidade mais distantes.

Bailique, nós temos o Sucurijú<sup>10</sup>, que são lugares extremamente distantes e difíceis de acesso. Eu fui trabalhar no Sucurijú, quando eu terminei meu trabalho eu passei uma semana pra tentar sair de lá. (...) aí imagina, longe da sua família, família natural né? Mulher, esposa, mãe, irmãos, longe de amigos. Porque a gente chega num interior desse, ninguém conhece, ah é aquele pessoal estranho? Quando você começa a fazer amizades, que pra fazer amizades não é assim de uma hora pra outra, é no mínimo 30 dias, 40 dias e você já está indo embora pra outro local, onde começa tudo de novo. Aí o que é que vem como suporte? Do álcool, hoje eu sou um alcóolatra. Pedi minha família, moro sozinho, como você está vendo...nessas condições... (mostra a casa em total desordem).

O professor Jerônimo afirmou que antes de iniciar a sua experiência como professor do SOME não consumia bebidas alcólicas, inclusive em sua primeira viagem levou uma “caixa de iogurte”, que foi motivo de risos para outros colegas. Ele atribui o consumo de álcool ao estilo vida solitário na zona rural e ao distanciamento social da vida na cidade, dos amigos e familiares. Concedeu a entrevista consumindo bebida alcóolica e afirmou que consome cerca de 2 (dois) litros por dia, não bebe cerveja porque teve um enfarto recentemente.

Relato 02: Professor Antônio – Natural de Castanhal, estado do Para, tem 40 anos, é casado, tem duas filhas, afirma ter uma família “bem estruturada”. Graduado em Pedagogia, professor da rede estadual, da disciplina de Oficina e Trabalho. Atua no Ensino Fundamental no SOME há 10 anos. Iniciou no ensino modular quando à época era diretor de uma escola de Ensino Fundamental e Médio na comunidade de Tessalônica<sup>11</sup> e em contato com os professores do Modular sentiu o desejo de vivenciar essa realidade movido pelo objetivo de “levar o conhecimento” às comunidades mais longínquas, de difícil acesso, como ele mesmo relata:

---

<sup>10</sup> Sucuriju é um distrito do município brasileiro de Amapá, no interior do estado homônimo à cidade. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população no ano de 2010 era de 939 habitantes, sendo 483 homens e 456 mulheres, possuindo um total de 224 domicílios particulares. Foi criado pela lei federal nº 3.055, de 22 de dezembro de 1956. O Distrito de Sucuriju caracteriza-se por uma planície inundável Fúlvio-marinha, com sedimentos fixados predominantemente por manguezais. Dista em linha reta 120 km da sede do município e 220 km da capital do Estado, Macapá. Apresenta uma área de 16.700 ha, localiza-se no extremo norte do Estado do Amapá, na margem direita do rio Sucuriju, próximo de sua desembocadura. O acesso ao Distrito do Sucuriju tem duas alternativas: via a sede do município de Cutias do Araguari, e daí de barco regional viajando 18 horas, dependendo das condições da maré e das condições climáticas; a segunda alternativa é o deslocamento a partir da sede do município do Amapá, e daí, em barco regional viajando 20 horas, também dependendo das condições de maré e clima.

<sup>11</sup> Comunidade afrodescendente, cerca de 45 km de Macapá, subdistrito do município de Porto Grande. Possui uma estimativa de 191 moradores.

Há exatamente 10 anos a gente se encantou com essa modalidade de ensino. Eu estava em uma direção de escola na zona rural de Macapá, comunidade de Tesselônica, e a gente via os professores que passavam por lá, percebi também a importância dessa modalidade de ensino, já que o estado não tem, não tinha na época e não tem até hoje não tem condições de atender o ensino regular em distantes localidades. Que a gente sabe tem muitas localidades do Oiapoque ao Iaranjal do Jari, incluindo até o distrito do Bailique, que são distantes, de difícil acesso (...)

O ensino modular, no que se refere às questões estruturais, a gente sofre, trabalhando na cidade a gente tem uma equipe técnica, tem uma infraestrutura nas escolas melhorada, mas no interior a gente passa por muitas situações difíceis por conta que a secretaria nos envia para o interior e não nos dá nenhuma espécie de acompanhamento, mas é uma experiência única trabalhar no modular porque você sai de Macapá designado pra ir pra uma localidade e muitas vezes a gente não tem ideia de como é a localidade, e eu cito, a Vila Brasil que é uma Localidade vizinha da Guayana Francesa, eu tive a privacidade de abrir o primeiro módulo naquela localidade de 5ª série, a comunidade, já fazia 4 anos que vinha lutando pela implantação do ensino modular fundamental, nesta localidade.

O ensino modular ele tira o teu tempo com a tua família porque no ano a gente passa praticamente 80% a 90% na zona rural e a tua família não pode ir com você. Não pode levar filho, não pode levar esposa pra comunidade porque você está com um grupo de professores e até que vai, em algumas comunidades próximas de Macapá, você leva a tua família, num dia de recreação, de festa, de lazer, um final de semana, mas no decorrer das aulas, você não pode levar a tua família. Então eu acho que o módulo dá, mas ele tira nesse sentido, a distância com a família, você perde muito.

A gente sente muito... a falta da família porque a gente transfere o carinho e o amor dos filhos, da esposa, para colegas que estão junto conosco e nem sempre isso é receptível. Quando você falou na "Casa do Professor<sup>12</sup>", me veio na cabeça, a solidão, que muitos passam no módulo e isso faz com que muitos deles procurem uma fuga que não é muito positiva, que é a questão da bebida alcoólica, em alguns casos até drogas e isso acaba atrapalhando a vida profissional do educador.

A solidão se dá no interior porque muitas vezes você vai dar aula no módulo, você vai com um ou dois colegas em alguns módulos e quando você termina de dar aula, os alunos muitas vezes não moram muito perto, moram distantes e você se torna solitário, fica sozinho né? Então tem que ter um autocontrole muito grande, sempre buscar leituras, você sempre sair um pouquinho na comunidade pra conversar, saber um pouco da comunidade, porque se você se fechar no alojamento você vai ter problemas psicológicos, problemas psíquicos porque você passa muito tempo sozinho.

Você conversa você dorme e acorda do lado do colega, mas, às vezes isso não lhe basta, você precisa de mais, ter um divertimento que na zona rural não há esse lazer, falta, muito. Eu vejo muitos colegas Selma, que realmente precisam de um tratamento psicológico por conta dessa solidão do modular.

---

<sup>12</sup> Núcleo de Atenção à Saúde do Professor instituído pela Secretaria de Educação do Estado (SEED) para atender docentes em sofrimento/adoecimento biopsicossocial. Possui um equipe multidisciplinar formada por psicólogos, nutricionistas, fonoaudiólogos, assistentes sociais, pedagogos, entre outros.

Infelizmente, minha opinião, na cidade hoje é um corre-corre muito grande e eu vejo que a zona rural, ela tem um diferencial aí muito importante, que eu gosto, que é a tranquilidade, hoje na cidade, a gente não tem isso, você às vezes está em casa, mas tem que estar trancado, por conta da violência. Na zona rural você não tem isso, porque na comunidade todo mundo se conhece, são poucas localidades que tem essa modalidade de ensino modular que você vai com medo, são poucas as localidades. As localidades mais distantes são as melhores localidades pra trabalhar porque a violência é quase zero.

O professor Antônio fala do trabalho no Modular como forma de sofrimento mental, devido a precarização das condições de trabalho, mas também, devido a distância social vivenciada pelos docentes, principalmente, em consequência do afastamento familiar e dos amigos mais próximos. Relata também da dificuldade de comunicação em algumas comunidades e tudo isso gera solidão e estados emocionais depressivos que podem conduzir alguns professores a formas compensatórias, como a ingestão de álcool e outras substâncias psicoativas, prática que ele assegura ser bastante comum entre os professores o Modular. Ele também acredita que muitos docentes estão precisando de cuidados psicossocial. Entretanto, ele próprio ressalta que o “corre-corre” na cidade e a violência inerente à cidade, na vida rural, embora em algumas localidades a violência já tenha se intensificado, mas a vida ainda é mais tranquila.

Relato 03: Professor Denis – Natural de Macapá, 38 anos, casado, tem uma filha, exerce a profissão de docência há 18 anos na rede de ensino estadual. É graduado em Pedagogia e atualmente é estudante de Letras pela Unifap. É pós-graduado em Pedagogia Escolar e Tecnologia em Educação. Atua no Ensino Modular a 13 anos. Está lotado na comunidade Maruanun<sup>13</sup>. Este professor sofre de Transtorno do Pânico e Ansiedade Generalizada. Para ele a vida no campo tem efeitos terapêuticos, sente-se melhor quando está fora da vida na cidade, embora no momento atual, trabalha em comunidades mais próxima da Capital por que faz acompanhamento psiquiátrico e psicológico no Núcleo de Atenção à Saúde do

---

<sup>13</sup> Está localizado ao sudeste do Estado do Amapá e distante à 80 km da capital, Macapá. É composto por várias comunidades que são: Conceição, Torrão, Simião, São Raimundo, São José, Auto Pirativa, São Tomé, Santa Maria, Fátima e Santa Luzia. Essas comunidades formam uma região que se desenvolveu em torno do rio Maruanum e representam um contexto cultural e ecológico muito rico com beleza exuberante, que é muito característico da Amazônia. O acesso pode realizado através de via fluvial e também por via terrestre, pela rodovia BR 156, essa rodovia interliga Macapá a Laranjal do Jarí.



Professor/Casa do Professor<sup>14</sup>. Seguem seus depoimentos, acerca do trabalho no Modular:

Para mim não foi muito difícil porque sou uma pessoa que gosto do interior, da floresta, dos rios, e essas comunidades garante ficam às margens dos rios, gosto do contato com as pessoas do interior, são pessoas simples, mas falam muito a realidade pra você, a gente aprende com elas, tanto da vida pessoal como das mazelas que a gente encontra por aí.

O trabalho nessas comunidades no interior do estado não é fácil: escolas mau estruturadas, com diretores que não tem a mínima formação para ser diretor, para administrar uma escola, a gente ver também o nível dos alunos, dos que vem da 4ª. para a 5ª. série, são alunos com nível baixíssimo. Não sabem escrever o nome, a gente tem que alfabetizá-los. Também a falta de participação dos pais, o pai do interior, ele vai só para festejos nas escolas, dia das mães, festas juninas, não são todos, mas a grande maior.

O problema de transporte, tem comunidade, só dar para fazer um tuno de aulas devido à distância; tem comunidade que se viaja três horas, as vezes encontra a questão da maré desfavorável; as vezes o governo não paga os barqueiros, então, as aulas ficam interrompidas por 15 dias. Outra coisa é permanência na escola, trabalhei em escolas que o diretor compareceu só no primeiro dia de aula, outras situações que o diretor comparece só no final do módulo, ele chega na escola para receber o diário. Cada professor faz o trabalho ao seu jeito. Se o professor for compromissado, ele cumpre direitinho, se não for ele vai em ora, por isso que o sistema enfraquece, devido ao descaso, o não compromisso com a educação.

O sofrimento psíquico, é um caso sério, tem professores que não **tem** o costume de ficar longe da família, então estes professores sofrem, ficam mau humorados, por conta dessa distancia, passam de 2 (duas) semanas, e então começam esses sintomas, a pessoa fica reclamando, de estar distante, de não poder ficar com a família, vem as saudades, a falta dos filhos, da esposa, sem poder se comunicar... Tem comunidade que pessoa fica isolada, não tem telefone, tem professores que chegam a se desesperar e por não ter suporte para o professor; pega uma comunidade dessa distante e a diretora ausente... Acredito esse seja um fato que possa contribuir para desencadear distúrbios emocionais.

Essa distância causa um certo sofrimento, leva o professor viver numa comunidade pequena, então você não tem muita opção de ir pra li ou “pra acolá” fica muito restrito. As casas são de palafitas, então as vezes, você vai na casa de alguém, fazer uma visita jogar conversa fora; energia só à noite de 18 às 22 horas, depois disso apaga tudo. Cada um deve estar na sua casa, ou com uma lanterna na mão. Esse contexto também favorece para a questão de relacionamentos amorosos de professores do Modular, professores com alguém da comunidade, com alunas, ou entre colegas. E

---

<sup>14</sup> Local onde desenvolvo a minha pesquisa. Foi instituído em 2005, como o nome de Serviço de Apoio Psicossocial/SAPS e, recentemente, passou por um processo de mudança estrutural, adaptações físicas, ampliação da equipe multidisciplinar e dos serviços ofertados. Antes funcionava somente intervenções psicossociais, agora oferece também cuidados na área de fonoaudiologia, fisioterapia, nutricionista, dentre outros. A Casa do professor foi inaugurada em 06 de maio de 2014 e no dia 09 do mesmo mês ocorreu uma tentativa de homicídio na sala de espera da Casa. Uma professora deferiu quatro tiros em outra professora. As duas eram acompanhadas na Casa, as duas sofrem de transtorno depressivo e tinham conflitos de natureza pessoal.

também por estarem, tristes, leva muito para o consumo de álcool, eles bebem muito, todas noites eles bebem. Acontece mais entre os homens, porém algumas mulheres também bebem. Acho difícil essa pessoa trabalhar no dia seguinte.

Em relação a minha história de adoecimento, desde pequeno, eu sentia muito nervoso, encarar uma plateia era algo que eu não conseguia, no Ensino Médio percebi que eu piorei, depois comecei a trabalhar, com 4 (quatro) anos de trabalho, eu sentia mais esse nervoso em ficar no meio de pessoas, nesse período fui ser diretor de uma escola de um interior, tinha que ser professor de 4 (quatro) turmas, muitas atribuições na escola, muitas vezes não dormia, emagreci muito, era muito trabalho, então, percebi que comecei a piorar, nos todos os ambientes quando tinha muita gente eu começava a tremer e ficar com as mãos suadas, então eu procurei uma psicóloga, mas ela não me falou era uma Síndrome do Pânico ou Ansiedade e depois eu fui para outro médico, fiquei sendo acompanhado por ele muito anos, até que ele faleceu, eu fiquei sem apoio, o meu mundo caiu, e depois fui para outra médica, continuo com ela até hoje. Quando foi ano passado, eu fiquei sem o remédio, eu discuti com um vizinho, tivemos uma discussão muito feia, eu estava sem o remédio, fiquei muito abalado, desmaie, chamaram o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU). A noite quando fui ao banheiro antes de chegar ao banheiro, eu cai, depois disso o quadro se alterou, eu fiquei nervoso de mais, tinha medo de não poder voltar ao trabalho, de não ser professor, de não poder viver em sociedade, de não poder cuidar da minha família, medo de não poder evoluir na minha profissão. Além dos choros, tive várias crises de choro. Tomar remédios, melhora um pouco... teve um período que não dormia, ia para casa de minha mãe chorava, meus irmãos me apoiavam. Todas as situações que se desencadearam: medos terríveis, então eu vim para a para o SAPS, e fu atendido pela psicóloga, com continuo sendo atendido.

Por conta dos remédios desencadeei uma impotência sexual, outro dano são os tremores que apresento. Eu, praticamente, não vivo alegre, de uma certa forma fico com a minha família, tenho a esperança de um a dia não tomar mais esses remédios, mas de outra forma temo de deixar de não poder deixar de toma-los. Quando paro de tomar fico confuso e ansioso. As pessoas de fora que não sabem desses fatos, pensam que as pessoas são doidas.

Eu tive uma crise no ano passado..., gosto muito das pessoas do campo, as pessoas são verdadeiras, são humildes, eu gosto muito disso, sem contar os momentos extra sala de aula de sair pra pescar, caçar tomar banho no rio, de visitar as famílias. Essa crise me deixou muito apreensivo, um desespero muito grande, muito medo, medo de noção poder trabalhar, foi um monte de coisa que me atrapalhou muito, passei dois meses sem trabalhar e fui com a psicóloga e determinou para a coordenação do Modular que eu ficasse em comunidades próximas.

Tenho medo das pessoas, muitos tem uma visão deturpada dos professores que fazem acompanhamento na Casa do Professor, muitos dizem que as pessoas que vem para a Casa são perturbados. Tenho medo do que vão pensar de mim, de me discriminar, de me chamar de doido, perturbado coisa assim.

Com isso tenho me reservado para me proteger dessas conversas, depois desses problemas não fico mais na comunidade, volto para casa todos os finais de semana. Eu sinto um desconforto em permanecer no meio deles, eu me preocupo muito do que pensam de mim. Só tem uma justificativa para isso: a minha condição de doente.

Eu gostaria de viver não com esse problema, gostaria de viver tranquilamente. Hoje eu não posso beber uma cerveja, vejo meus amigos bebendo, isso me dar uma certa inveja. Vivo sempre com uma certa frustração. Com esse meu problema, deixei de fazer muitas coisas, não tenho vida social, as pessoas me incomodam. Até pra caminhar, sei que tenho que caminhar, ultimamente uma coisa que está se intensificando é que durmo muito, tenho muita dificuldade para me levantar. Até para vim para cá, não foi fácil, me levantar.

Nota-se que, para este professor, desenvolver suas atividades na zona rural, ameniza, de uma certa forma, o seu sofrimento psicológico, haja vista que ele se identifica com estilo de vida no interior e gosta da vida simples, própria das comunidades rurais. O afastamento social é “terapêutico”, considerando o “desconforto”, do qual ele menciona, em estar em ambientes com muitas pessoas, ajudando-o distanciar-se do objeto que lhe provoca sintomas ansiógenos.

É perceptível também, que o seu sofrimento devido o transtorno que é acometido, de não poder conduzir sua vida de forma “normal” como os demais colegas e das consequências provocados pelos danos colaterais da doença e das formas de tratamento medicamentosa. Entretanto, neste caso, parece que o adoecimento psíquico não está, diretamente, relacionado com a vida no campo, nem com a dinâmica própria da cidade, como foi visto em seus relatos, o transtorno de ansiedade e a fobia social já se manifestavam desde a sua infância, sofrendo evoluções a medida que ele foi se expondo, por exigências da profissão, em situações sociais públicas.

## **CONCLUSÃO**

O sofrimento/adoecimento envolve uma multiplicidade de fatores. Não é simples discutir sobre essa temática, haja vista, não somente os fatores relacionados, como também a complexidade própria da subjetividade humana.

Foi possível observar através das narrativas, dos docentes, apresentadas, que para alguns, o campo pode ser um lugar de sofrimento, principalmente, quando apresenta condições de elevada precariedade de vida e de trabalho, como no caso do trabalho desses docentes: precariedade dos alojamentos, do transporte, das condições estruturais e pedagógicas das escolas, da dificuldade de comunicação,

afastamento dos familiares, dos amigos, da ruptura de laços sociais, solidão, angústias e ausência de apoio do Estado para com esses trabalhadores, que são lançados nessas comunidades com a exigência que desenvolvam uma educação de qualidade.

Finaliza-se apontando para o fato de que os três relatos apresentados, talvez não sejam suficientes para tecer conclusões mais consistentes sobre a influência da vida na cidade e do campo como agente preponderante no adoecimento psíquico das pessoas, entretanto concorda-se com Simmel (2001), que a vida na cidade, pela sua dinâmica e intensidade de estímulos, pode representar um aspecto de maior vulnerabilidade para o adoecimento mental, porém, o campo, com a sua vida calma e “monótona”, em alguns casos, poderá, também, conduzir a determinadas formas de adoecimento, tudo isso vai depender da modalidade de relações que os indivíduos estabelecem com estas realidades e da sua capacidade de adaptabilidade.

Tem-se consciência de que este trabalho representa reflexões preliminares como exercício de análise e escrita, porém significativo para o processo de investigação do objeto de estudo proposto no projeto de doutorado e de construção do trabalho final.

**ABSTRACT:** This article discusses the influence of city life on the possible development of mental disorders in relation of life in the countryside. For this, one starts from the following questions: urban life favors the development of mental illness? What do you think teachers who live in the city and work in rural areas? To answer these questions we chose to essentially qualitative approach using the use of narratives. The subjects of this study were to construct network state that teachers develop their practices in rural areas, especially in coastal locations, the Modular Learning System (SOME). Based on reports obtained through interviews and listening experiences of teaching and experiences of mental distress of some teachers, it was found that people can get sick in the cities and in rural áreas.

**Keywords:** City. Countryside. Health/Mental Illness

## REFERÊNCIAS

ALVES, Glória da Anunciação. A mobilidade na produção do espaço metropolitano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço social: agentes e processos, escalas e desafios** (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2011.

**Associação Americana de Psiquiatria.** Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-IV-TR. Porto Alegre, Artmed, 2002.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).** 2014. Disponível em:  
<<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160030&search=amapa|macapa|infograficos:-historico>>. Acesso em: 12 Abr. 2014.

BAUMAN, Zigmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço social: agentes e processos, escalas e desafios** (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2011.

**Confederação Nacional de Municípios.** *Governo do Estado do Amapá.* Disponível em: < <http://www.cnm.org.br/municipios/index/100116/100116007>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

DUARTE, Luíz Fernando Dias. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, 8(1), 173-183, 2003.

DURANTE, Myriam. **Os grandes centros urbanos estão adoecendo o brasileiro.** Entrevista à Rádio CBN no dia 07/03/2014. Disponível em: <<http://www.ipom-org.com.br/>> Acesso em: 24 mar. 2014.

LIMA, Renata Mayara Moreira de. A crítica do mundo moderno em Georg Simmel. **Revista Inter-leggere.** Nº. 10 - Jan-jun/2012.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

NUNES, Brasilmar Ferreira. **A interface entre o urbano e o rural na Amazônia brasileira: notas para reflexão.** Disponível em:  
<[http://www.jornaldomauss.org/jornal/extra/2007\\_07\\_27\\_09\\_42\\_50.pdf](http://www.jornaldomauss.org/jornal/extra/2007_07_27_09_42_50.pdf)>. Acesso em: 5 Abr. 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana.** Rio de Janeiro: Bertran-Brasil, 2008.

TOSTES, José Alberto. **Macapá no Amapá**. Jornal O Tribuna Amapaense. Postado há 7th January 2013. Disponível em: <<http://tribunaamapaense.blogspot.com.br/2013/01/artigo-do-tostes-macapa-no-amapa.html>>. Acesso em: 10 Abr. 2014.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: FORTUNA, Carlos (Org.). **Cidade. Cultura e Globalização**: ensaios de sociologia. Oeiras (Portugal): Celta editora, 2001.

Texto científico recebido em: 10/09/2014

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 31/10/2014

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.